

REPRESENTAÇÕES DE LAMPIÃO NA LITERATURA DE CORDEL SOB UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA

Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha (UFT)

angelitafontenele@hotmail.com

João de Deus Leite (UFT)

joaodedeus@mail.uft.edu.br

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos uma análise discursiva sobre as representações de Lampião na Literatura de Cordel, enfocando as seguintes imagens que essas representações deixam flagrar nessa literatura: imagem de justiceiro/herói versus imagem de cangaceiro/bandido. As materialidades particularizadas para a análise são os cordéis: “A chegada de Lampião no inferno”, de José Pachêco, e “A chegada de Lampião no céu”, de Guaipuan Vieira. O dispositivo teórico-analítico empreendido, neste trabalho, está ancorado em teorizações de Foucault (1986), de Pêcheux e Fuchs (1975), de Orlandi (1996; 1999; 2001) e de Leite (2010). Além disso, com o intuito de construir uma circunscrição histórica sobre Lampião, recorreremos aos apontamentos de Jasmin (2016), de Sarmiento (2016), de Silva (2017) e de Vieira (2012). As análises são produzidas com base em recortes discursivos das referidas materialidades, de modo a trabalhar as discursividades sobre Lampião como justiceiro/herói e como cangaceiro/bandido. As análises apontam para o seguinte funcionamento discursivo: um Lampião bem aceito em seu contexto nordestino, mas rejeitado tanto no céu quanto no inferno graças às suas ações de bandido, embora numa construção justificada frente às injustiças que lhe tornaram forte, fizeram-no herói.

Palavras-chave:

Cordel. Discursividade. Lampião.

ABSTRACT

In this work, we present a discursive analysis about the representations of Lampião in the Cordel Literature, focusing the following images that these representations let to seize in this literature: image of punisher/hero versus image of cangaceiro/bandit. The materialities particularized for the analysis are the cordéis: “Lampião’s arrival in hell”, by José Pachêco, and “Lampião’s arrival in heaven”, by Guaipuan Vieira. The used analytic-theoretical device, in this work, is anchored in the theorizing of Foucault (1986), of Pêcheux and Fuchs (1975), of Orlandi (1996; 1999; 2001) and of Leite (2010). Besides that, aiming to build a historic circumscription about Lampião, we resort to the notes of Jasmin (2016), of Sarmiento (2016), of Silva (2017) and of Vieira (2012). The analyses are produced based on discursive cuts of the referred materialities, so that working the discursivities about Lampião as punisher/hero and as cangaceiro/bandit. The analyses point out for the following discursive operation: a Lampião well accepted in his northeastern context, but rejected both in heaven as well as in hell thanks to his bandit actions, although in a justified construction because of the injustices that made him strong, making a hero.

Keywords:
Cordel. Discourse. Lampião.

1. Introdução

Este estudo consta de uma análise discursiva sobre as representações de Lampião como dual, a partir das obras cordelianas “A chegada de Lampião no inferno”, de José Pachêco, e “A chegada de Lampião no céu”, de Guaiipuan Vieira. Para a análise, traçamos o caminho metodológico da pesquisa bibliográfica para o levantamento das obras e dos autores de referência sobre o assunto, assim, buscamos fazer a análise discursiva acerca das representações de Lampião nos efeitos do cangaço, no direcionamento dos sentidos que o constituem sujeito, ora com **imagem de justiceiro/herói** com **imagem de cangaceiro/bandido**.

Nesse sentido, fazemos incursão na dualidade de Lampião apresentada na literatura de cordel, especificamente nos cordéis referidos, avaliando os elementos reveladores dessa dualidade na perspectiva da análise de discurso (AD) que trabalha o sujeito, a língua, a história e as condições de produção no interior das concepções teóricas e metodológicas adotadas por Foucault (1986), Pêcheux e Fuchs (1975), Orlandi (1996, 1999, 2001), Leite (2010), entre outros.

Julgamos importante destacar que uma das características do cordel é fortalecer as identidades regionais e que, nos cordéis que separamos para análise das representações de Lampião, esta é uma característica bem marcante, pois sua discursividade gira em torno de aspectos históricos que se fazem importantes para a construção do sujeito Lampião e de sua dualidade

Após esta primeira seção introdutória, abordamos a metodologia da análise; em seguida, apresentamos a seção teórica, com recorte da biografia de Lampião, para que, adiante, as representações analisadas nas obras de cordel tenham mais sentido; e tratamos, ainda, sobre os efeitos do cangaço para a construção da dualidade representativa desse sujeito, com discussão amparada pelos referidos teóricos e por outros, nos quais também nos ancoramos. Na seção posterior, fazemos a análise discursiva de trechos dos cordéis, no intuito de comparar as representatividades.

2. Metodologia

A AD, como prática de estudo linguístico, extrapola a interpretação de texto, focaliza o discurso, ligado ao contexto social e às ideologias, por meio do contexto político-sociocultural em que o autor está inserido. Assim, tal prática linguística visa à análise contextual, abrangendo estrutura discursiva, espaço e momento cronológico.

Dessa forma, este estudo traça o caminho metodológico da pesquisa bibliográfica para o levantamento das obras e dos autores de referência sobre o assunto, assim, buscamos fazer a análise discursiva acerca das representações de Lampião nos efeitos do cangaço, no direcionamento dos sentidos que lhe constituem sujeito ora bandido ora justiceiro. Para tal, traçamos uma incursão sobre a dualidade de Lampião, apresentada na literatura de cordel, especificamente nos cordéis “A chegada de Lampião no céu”, de Guaipuan Vieira, e “A chegada de Lampião no inferno”, de José Pachêco. Dessa forma, analisamos os elementos reveladores dessa dualidade na perspectiva da AD, que trabalha o sujeito, a língua, a história e as condições de produção no interior das concepções teóricas adotadas metodologicamente pela AD.

Há uma descrição breve e objetiva da trajetória de Lampião, que visa instruir o leitor sobre os constituintes colaborativos da construção de sua dualidade, uma vez que, conhecendo um pouco de sua trajetória, é possível perceber diversas justificativas e vários encaminhamentos para os desdobramentos dos principais episódios de sua vida, como sua entrada para o cangaço, a união com sua esposa, Maria Bonita, e sua morte, além da possibilidade de compreensão de suas razões como sujeito contextual de sua construção dual, o que se constitui na perspectiva aqui proposta, em textos cordelianos, portanto, também um discurso poético.

3. O entrelaçamento das representações de Lampião: dos efeitos do cangaço ao sentido do sujeito dual

Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, que tem data de nascimento incerta, segundo estudos de Jasmin (2016), nasceu no sertão de Pernambuco, região de Pajeú, “(...) de onde saíram os maiores e mais célebres cangaceiros” (JASMIN, 2016, p. 45), em Serra Telhada, que adquiriu certa legitimidade, como tendo sido o local preciso de seu nascimento. Segunda a referida pesquisadora, a região de nascimento de Lampião é percebida ora como espaço de identificação ora como de

rejeição. Virgulino foi o segundo filho de José Ferreira da Silva (proprietário de terras e comerciante) e de Maria Selena da Purificação, os quais tinham mais cinco filhos. Para fins de contextualização, vamos considerar como data de seu nascimento o dia 4 de julho de 1898, que, segundo a nota 19 dos apontamentos de Jasmin (2016), é a que consta em seu certificado de batismo.

Lampião nasceu e cresceu na época do cangaço, que foi um movimento social ocorrido no sertão nordestino durante o fim do século XIX e início do século XX e que era relacionado à disputa da terra, ao coronelismo, à vingança, à revolta diante da situação de miséria no Nordeste e ao descaso do poder público. Ele se tornou cangaceiro motivado pela situação econômica, perda da propriedade da família, além do assassinato do pai, e, segundo Jasmin (2016):

[...] é nesse momento que “a história de Lampião se confunde com a história política e policial do sertão, e também de todo o Brasil. Desde que suas primeiras façanhas armadas são conhecidas, **Lampião torna-se objeto de interrogação** e de reflexão para os diferentes testemunhos, autores, jornalistas, **poetas de cordel**, forças policiais. A partir daí, sua vida privada confunde-se com a vida pública do Nordeste [...]. (JASMIN, 2016, p. 49) (grifo nosso)

Grifamos **Lampião torna-se objeto de interrogação e poetas de cordel**, porque é sobre a indagação de ele ser considerado ora justiceiro/herói, ora cangaceiro/bandido pelos cordelistas a proposta de análise deste estudo. Para tanto, recortamos, dentre tantos outros cordéis que tematizam as ações de Lampião, os poemas “A chegada de Lampião no céu”, de Guaipuan Vieira, e “A chegada de Lampião no inferno”, de José Pachêco.

Para melhor entendermos essa dualidade de Lampião, vamos compreender um pouco mais de seu ser como sujeito contextual, a começar pela alcunha dada a Virgulino, que surgiu em um dos seus primeiros embates, quando, na escuridão da noite, Antônio (um dos irmãos Ferreira), espantado com o poder de fogo do rifle de Virgulino, que expelia balas sem parar e mais parecia uma tocha acesa, exclamou que aquela arma havia virado um lampião. A partir desse dia, a alcunha do famoso cangaceiro passou essa.

Lampião atuava com seu bando de cidade em cidade, pedindo ajuda aonde chegavam, mas, quando não eram acudidos, agiam com violência. Inúmeros intentos da polícia para capturá-lo foram fracassados, assim, admirado pela sua valentia e ousadia, acabou convertido em herói.

Nesse contexto surgiu o Lampião, que subverteu a ordem imposta, mesmo que não fosse esse seu objetivo.

Em algumas ocasiões, seus gestos eram generosos, chegava até a se confraternizar com algumas pessoas, organizava festas, distribuía dinheiro e pagava bebida para todos. Certa feita, em uma de suas paradas para descansar, perto da Cachoeira de Paulo Afonso, conheceu Maria Gomes de Oliveira (Maria Bonita, com quem ele se casou), filha de um fazendeiro de Jeremoabo, na Bahia. A morte de Virgulino Ferreira da Silva ocorreu no dia 27 de julho de 1938, na fazenda Angicos, no sertão de Sergipe.

Essa breve trajetória de Lampião nos direciona ao entendimento da construção desse sujeito dual nos reflexos dos efeitos do cangaço, assim, tomamos o conceito da expressão “cangaço” por Macêdo (2014):

[...] a terminologia “cangaço” surgiu do hábito de os antigos bandoleiros se sobrecarregarem de armas, trazendo o bacamarte passado sobre os ombros, à feição de uma canga de jungir bois, por isso dizer que estes indivíduos andavam debaixo do cangaço, isto é, de uma canga metálica, feita de aço. Daí a expressão usada por Euclides, em “Os sertões”, ao dizer que alguns indivíduos: “vinham debaixo do cangaço” (MACÊDO, 2014)

Entendemos também que a constituição do cangaço está estritamente ligada à construção da identidade do nordeste brasileiro, como afirma Sarmento:

O cangaço caracteriza-se, na história do Nordeste brasileiro, como um dos fenômenos que passou a simbolizar a região e seu povo, deixando profundas marcas na gestada cultura nordestina, no imaginário popular e na memória histórica da região. (SARMENTO, 2016, p. 12)

Na construção dos sentidos do sujeito Lampião, encontramos controvérsias, uma vez que se constrói, ao longo da trajetória de sua vida, um herói e um vilão. São relações simbólicas, aqui analisadas à luz da análise de discurso:

[...] que se consolidou a França, na década de 60, a partir de trabalhos propostos por Michel Pêcheux e por colaboradores como Françoise Gadet, Francine Mazière, Michel Plon, Jean-Jaques Courtine, dentre outros. E, no Brasil, esse campo teórico foi divulgado e desenvolvido a partir de estudos encabeçados por pesquisadoras como Eni Pulcinelli Orlandi, Maria do Rosário Gregolin, para citar alguns nomes. (LEITE, 2010, p. 22)

As representações aqui abordadas são cunhadas por Serge Moscovici (2004, p. 35), ao afirmar que “(...) nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas

representações, linguagem ou cultura(...)", reconhecendo o poder de criação das representações sociais e a dupla face de estruturas estruturadas e estruturas estruturantes.

Para melhor esclarecer a ideia de representação, recorreremos à noção de brasilidade na discussão que João de Deus Leite (2010, p. 34, grifos do autor) apresenta acerca dos elementos produzidos pelo movimento de (re)elaboração da cultura nacional brasileira, "(...) que são focalizados por meio da ilusão referencial da *rede de sentido*". A discussão apresentada pelo autor se faz importante no presente trabalho, porque remete ao conceito de identidade, afeta ao sujeito Lampião sobre o qual pretendemos avaliar suas representações na literatura de cordel.

Segundo Leite (2010, p. 36):

A expressão *identidade* foi usada, pela filosofia moderna, para se referir à aparência de unidade e de estabilidade sob a qual se apresentaria a realidade ontológica do ser (percepção de se constituir sujeito por si mesmo, possibilitando a exterioridade e a preexistência em relação à linguagem) ou sob a qual se atribui um conjunto de predicativos a alguém. (LEITE, 2010, p. 36) (grifos do autor)

Do exposto, por ser Lampião um sujeito nordestino, transportamos a noção de brasilidade para noção de nordestilidade, compreendida como a cultura de um povo que se faz regionalizada e que reflete modos de agir e de pensar metaforizados na literatura de cordel, ora em análise, que revela uma marca na e pela história das representações sociais de um sujeito contextual.

Acerca do conceito de representação social, recorreremos, ainda, a Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2020, p. 431), para os quais "(...) ela trata da questão da relação entre a significação, a realidade e sua imagem". Segundo eles (2020, p. 432 – grifos dos autores), trata-se de uma questão que, nas ciências humanas, "(...) remete a situações bastante complexas da distinção entre *sistema de pensamento, sistema de valores, doutrinas e ideologias, sua definição e sua estruturação*". Por sua vez, para a AD, com inspiração no filósofo e semiólogo Marin (1993), é possível ligar à noção de interdiscursividade e de dialogismo de Bakhtin, e, dessa forma, as representações têm três funções sociais:

[...] de "representação coletiva", que organiza os esquemas de classificação, de ações e de julgamentos; de "exibição" de ser social por meio dos rituais, estilizações de vidas e signos simbólicos que os torna visíveis; de "presentificação", que é uma forma de encarnação, em um representante de uma identidade coletiva. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2020, p. 433)

Orlandi (2001) contribui, sobremaneira, nos direcionando a entender que os sentidos analisados nos discursos se moldam na relação linguagem–pensamento–mundo, em uma espécie de transfiguração:

Sofrer um deslizamento, um processo de transferência que faz com que apareçam como deslocados. A isto é que chamamos transfiguração. Sem ponto original, mas jogando o jogo da diferença, da cópia, da simulação. Depende da história de construção dos sentidos a configuração de lugares para “as ideias”, na trama da relação linguagem/pensamento/mundo, isto é, no efeito de realidade do pensamento, da ilusão referencial, que eles produzem. (ORLANDI, 2001, p. 7)

Assim, percebemos que os efeitos do cangaço contribuíram para a construção de sentido dual sobre a figura de Lampião, uma vez que a relação de sentidos em torno da sua trajetória confere-lhe tal sentido, uma vez que, em determinadas ocasiões, congregava com alguns, ajudava outros, e, em outras situações, atuava de forma violenta. Isso contribui para a construção referencial aqui posta. A atuação no cangaço, considerando a conceituação abordada acima, configurada como “grupo de bandidos armados”, soa, por vezes pejorativa, no entanto, Lampião também se inscreve como herói em dadas situações, como ilustrado nos trechos a seguir de cordéis que serão analisados na sequência.

Lampião tirou o chapéu
Descalço também ficou
Avistando o seu padrinho
Aos seus pés se ajoelhou
O encontro foi marcante
De emoção Pedro chorou

Ao ver Pedro transformado
Levantou-se e foi dizendo:
Sou um homem injustiçado
E por isso estou sofrendo
Circula em torno de mim
Só mesmo o lado ruim
Como herói não estão me vendo.
(A CHEGADA DE LAMPIÃO
NO CÉU)

Lampião disse: – Vá logo,
Quem conversa perde hora
Vá depressa e volte já
Eu quero pouca demora
Se não me derem ingresso
Eu viro tudo “asavesso”
Toco fogo e vou embora.
(A CHEGADA DE LAMPIÃO NO
INFERNO)

A título de reforço e de suporte desta seção, destacamos que a AD é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, um dos aspectos materiais da existência das ideologias. Para Pêcheux (1975), a região do materialismo histórico que interessa à teoria do discurso é a da superestrutura ideológica ligada ao modo de produção dominante na formação social considerada. Para Foucault (1986), analisar o discurso é fazer desaparecer e reaparecer as contradições: é mostrar

o jogo que jogam entre si, é manifestar como se pode exprimi-las, dar-lhes corpos ou emprestar-lhes fugidia aparência.

O discurso remete em si a ideia de curso, ou seja, movimento. De acordo com Orlandi (1996), o discurso é, assim, palavra em movimento, prática da linguagem: com o estudo do discurso, observa-se o homem falando. Para Orlandi (1996), considerados os seus usos a linguagem pode apresentar-se sob três modalidades, a saber: autoritária, polêmica e lúdica, segundo critérios que se resumem na dimensão histórica e no fundamento social dos discursos. Ou seja, devem-se considerar as condições em que são produzidos. O discurso lúdico apresenta polissemia aberta, a linguagem é jogo, produtora de prazer; no polêmico, há tensão entre os interlocutores, a polissemia é controlada, observa-se disputa pela verdade; e no discurso autoritário, a polissemia é contida, há um só agente.

4. Análise da dualidade de Lampião na literatura de cordel

Não raro encontramos na literatura referente a estudos sobre o cangaço proposições que oscilam entre a configuração de heróis e a de bandidos. Neste estudo, propomos a análise de dois textos de cordel, “A chegada de Lampião no céu” e “A chegada de Lampião no inferno”, a fim de analisarmos discursivamente a dualidade dessa figura nos folhetos em tela.

As representações sobre o cangaço, na literatura de cordel, são marcadas por ambiguidades, uma vez que as palavras e os discursos utilizados para descrever e narrar as ações dos cangaceiros estão marcados de sentidos positivos e negativos. É importante destacar, ainda, que a literatura de cordel “cresceu” em paralelo ao movimento do cangaço, alimentou-se dele e o propaga. Várias representações vão surgindo ao longo dos anos e a prática de escrever sobre o cangaço continua até os dias atuais, sendo possível afirmar que se trata de um tema quase obrigatório para os poetas da literatura de cordel no Brasil.

Portanto, a partir das palavras de Francisco Jacson Martins Vieira, é possível afirmar que:

Essa multiplicidade interpretativa, seja como herói, seja como bandido se formou em torno da figura do cangaceiro um conjunto de atributos, tais como a valentia e a bravura, constituindo-se um verdadeiro mito tão celebrado pelos cantadores e poetas populares. (VIEIRA, 2012, p. 135)

Sobre as representações de Lampião na literatura, inicialmente reportamo-nos à análise de Laís Carolina Machado e Silva (2017, p. 236), para quem a imagem de Lampião na Literatura de Cordel é um tema que desperta bastante curiosidade, pois envolve toda a construção em torno de uma figura que se tornou pública, devido a seus atos. Silva (2017) destaca que:

Na pesquisa intitulada “Lampião: representações na literatura de cordel em folhetos de Franklin Maxado” (Cruz e Veiga) a presença de Lampião se vincula ao jogo que se estabelece entre história, realidade e ficção como elementos constituintes do gênero Literatura de Cordel. Aborda ainda a vida de Lampião como influência na construção das identidades relacionadas ao período do cangaço. (SILVA, 2017, p. 236)

Do exposto evidenciamos que Lampião foi tematizado em outros cordéis e, segundo a autora citada, é uma das figuras mais biografadas na Literatura de Cordel, sendo que o cordel mais famoso a seu respeito é “A chegada de Lampião no inferno”, de José Pacheco. Convém dizer que tanto um quanto o outro cordel referido como o mais famoso apresentam a dualidade que historicamente caracteriza Lampião em suas posturas de brutalidade do banditismo e de delicadeza, da boa educação, de forma que chega a ser dualizado nas seguintes categorias: anjo e diabo, bom e cruel, vítima do destino e assassino sádico, amante apaixonado e criminoso implacável, dentre outros.

Veremos, no cordel de Pachêco, a lógica discursiva que caracteriza Lampião como um bandido vingativo, mas que a vingança é social, justificada pela luta contra as injustiças sofridas por ele e pelo povo nordestino. Será que esse fato é o que justifica a chegada dele ao céu?

Na obra “A chegada de Lampião no inferno, temos a narrativa da chegada, já conturbada, de Lampião ao inferno, quando, logo na entrada, percebemos o primeiro embate com os que o recepcionam. Nesse cordel, o cangaceiro é tido como cabra valente, corajoso, é visto a partir de então como assombração. O inferno, com sua chegada, é descrito como tamanha confusão, bagunça e até incêndio. Lampião ganha, então, uma nova visão, o cangaço começa a ser descrito com novos termos. O valentão do nordeste, representado como aterrorizador dos sertões, é impedido de adentrar ao inferno.

O vigia disse assim:
Fique fora que eu entro
Vou conversar com o chefe
No gabinete do centro
Por certo ele não lhe quer
Mas conforme o que disser
Eu levo o senhor pra dentro.

Lampião disse: – Vá logo,
Quem conversa perde hora
Vá depressa e volte já
Eu quero pouca demora
Se não me derem ingresso
Eu viro tudo “asavesso”
Toco fogo e vou embora.

O vigia foi e disse
A Satanás, no salão:
– Saiba vossa senhoria
Que aí chegou Lampião,
Dizendo que quer entrar
E eu vim lhe perguntar
Se dou ingresso ou não?

– Não senhor, Satanás disse,
Vá dizer que vá embora
Só me chega gente ruim?
Eu ando muito caipora
Estou até com vontade
De botar mais da metade
Dos que têm aqui pra fora!

Nos versos em tela, percebemos a impressão do “sentido único e verdadeiro” (ORLANDI, 2001, p. 65) de um sujeito a ser repellido, como nos versos: “– Não senhor, Satanás disse/Vá dizer que vá embora/Só me chega gente ruim?”

O discurso é cheio de significância para e por sujeitos. Assim, vemos que as expressões estão carregadas de sentido, o que, conforme Orlandi (2001, p. 26) “[...] procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que possam ‘escutar’ outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem”.

Percebemos também o discurso lúdico, ou seja, há um jogo de palavras e rica polissemia nos versos, como nas expressões: “asavesso” e “caipora” – a primeira fazendo referência ao ato de bagunçar, desarrumar, e a segunda referindo-se a personagem do folclore brasileiro cuja fama também é de fúria. O discurso lúdico consiste na prática da linguagem por prazer, que rompe com seu uso utilitário, “(...) que contrasta fortemente com o uso eficiente da linguagem voltado para fins imediatos, práticos, etc., como acontece nos discursos autoritário e polêmico” (ORLANDI, 1996, p.154-155). Segundo a autora, nesse tipo de discurso prevalecem as funções poética e fática.

Já na obra “A chegada de Lampião ao céu”, aparentemente, nos primeiros versos, percebemos discurso mais pacífico, que logo é revelado também com certo embate nas estrofes que seguem:

A chegada de Lampião no Céu
Foi numa Semana Santa
Tava o céu em oração
São Pedro estava na porta
Refazendo anotação
Daqueles santos faltosos

Quando chegou Lampião.
Pedro pulou da cadeira
Do susto que recebeu
Puxou as cordas do sino
Bem forte nele bateu
Uma legião de santos

Ao seu lado apareceu.
São Jorge chegou na frente
Com sua lança afiada
Lampião baixou os óculos
Vendo aquilo deu risada
Pedro disse: Jorge expulse
Ele da santa morada.

No trecho a seguir, percebemos que a chegada de Lampião ao inferno gerou, além da confusão, o prejuízo material, o que remete à associação dessa figura com a balbúrdia e o saqueamento. Isso significa que os acontecimentos que envolvem o sujeito afetam sua história e funcionam “[...] em uma zona intermediária de processos discursivos (derivados do jurídico, do administrativo e das convenções sociais da vida cotidiana), que oscilam em torno dela”, de acordo com Pêcheux (1997, p. 52). No caso de Lampião, sua trajetória no cangaço reverbera nesses versos constituindo um sujeito mau.

Lampião pegou um checho
E o rebolou num cão
A pedrada arrebitou
A vidraça do oitão
Saiu um fogo azulado
Incendiou-se o mercado
E o armazém de algodão.

Satanás com esse incêndio
Tocou num búzio chamando
Correram todos os negros
(Os que estavam brigando)
Lampião pegou a olhar
Não viu mais com quem brigar
Também foi se retirando.

Houve grande prejuízo
No inferno, nesse dia
Queimou-se todo o dinheiro
Que Satanás possuía
Queimou-se o livro dos pontos
Perderam seiscentos contos
Somente em mercadoria.

Na análise do recorte que segue, da obra “A chegada de Lampião no céu”, percebemos novamente o discurso lúdico, carregado de sentidos polissêmicos:

O pilotão apressado
Ligeiro marcou presença
Pedro disse a Lampião:
Eu lhe peço com licença
Saia já da porta santa
Ou haverá desavença.

Disse Pedro isso é blasfêmia
É bastante astucioso
Pistoleiro e cangaceiro
Esse povo é impiedoso
Não ganharão o perdão
Do santo Pai Poderoso.

Lampião lhe respondeu:
Mas que santo é o senhor?
Não aprendeu com Jesus
Excluir ódio e rancor?...
Trago paz nesta missão
Não precisa ter temor.

Inda mais tem sua má fama
Vez por outra comentada
Quando há um julgamento
Duma alma tão penada
Porque fora violenta
Em sua vida é baseada.

Ao se ver diante das “tropas celestiais”, Lampião repreende São Pedro diante do tratamento que lhe é dispensado, arguindo-o se não havia aprendido com Jesus que não se deve ter rancor e ódio, acrescentando, ainda, que estava em missão de paz. Assim, constrói-se um sujeito diferente do anterior, analisado em “A chegada de Lampião no inferno”, quando ele é representado não como este que está em missão de paz, mas como aquele que gerou toda a confusão e destruição no inferno.

Porém, a chegada ao céu, mesmo com o discurso de paz proferido por Lampião, não foi de todo pacífica, uma vez que a representatividade do sujeito bandido estava configurada no ideário de São Pedro:

Disse Pedro isso é blasfêmia
É bastante astucioso
Pistoleiro e cangaceiro
Esse povo é impiedoso
Não ganharão o perdão
Do santo Pai Poderoso.

Inda mais tem sua má fama
Vez por outra comentada
Quando há um julgamento
Duma alma tão penada
Porque fora violenta
Em sua vida é baseada.

Aqui, percebemos que o santo considera que a vida de Lampião foi baseada na violência, assim, a ludicidade do discurso sugere que aquele não acredita nas palavras de Lampião, uma vez que sua fama se consolidou como sujeito mau, mas, fazendo-se de rogado, Lampião lança um discurso resignado que traz tônica social. Ele alega ser injustiçado e, ao mesmo tempo, pede um julgamento para sanar as injustiças que cometeu. Percebemos um sujeito reconhecedor de seus erros e sedento por justiça, em um discurso polêmico, ou seja, um discurso em que há tensão entre os interlocutores.

– Sei que sou um pecador
O meu erro reconheço
Mas eu vivo injustiçado

Um julgamento eu mereço
Pra sanar as injustiças
Que só me causam tropeço.

Não se demorou muito a pacificação de Lampião nessa chegada ao céu. São Pedro, irredutível diante do cangaceiro, não cedeu e logo se formou a confusão:

Lampião vendo o afronto
Naquela santa morada
Disse: Deus não está sabendo
Do que há na santarada
Bateu mão no velho rifle
Deu pra cima uma rajada.

Em um quarto bem acústico
Nosso Senhor repousava
O silêncio era profundo
Que nada estranho notava
Que nada estranho notava
Um cansaço demonstrava.

O pipocado de bala
Vomitado pelo cano
Clareou toda a fachada
Do reino do Soberano
A guarnição assombrada
Fez Pedro mudar de plano.

Pedro já desesperado
Ligeiro chamou São João
Lhe disse sobressaltado:
Vá chamar Cícero Romão
Pra acalmar seu afilhado
Que só causa confusão.

O discurso polêmico entre Lampião e São Pedro culminou em batalha e confusão. Mais uma vez, o cangaceiro usa a violência para resolver o conflito. O Santo, por seu turno, parte para o pedido de ajuda e recorre à conhecida figura nordestina de Padre Cícero Romão, que supostamente era padrinho de Lampião e por quem o cangaceiro nutria grande devoção e respeito. Entendemos, na fala de São Pedro, que ele lança mão da sua última cartada para impedir que Lampião adentre as portas do céu, no entanto, outros Santos contestam a santificação do Padre:

Resmungando bem baixinho
Pra raiva poder conter
Falou para Santo Antônio:
Não posso compreender
Este padre não é santo
O que aqui veio fazer?!

Disse Antônio: fale baixo
De José é convidado
Ele aqui ganhou adeptos
Por ser um padre adorado
No Nordeste brasileiro
Onde é “santificado”.

Diante do padrinho, mais uma vez, Lampião se resigna:

Lampião tirou o chapéu
Descalço também ficou
Avistando o seu padrinho
Aos seus pés se ajoelhou
O encontro foi marcante
De emoção Pedro chorou

Ao ver Pedro transformado
Levantou-se e foi dizendo:
Sou um homem injustiçado
E por isso estou sofrendo
Circula em torno de mim
Só mesmo o lado ruim
Como herói não estão me vendo.

De acordo com Lira Neto (2019), Cícero Romão Batista foi um padre que viveu sob o signo da controvérsia e morreu proscrito, condenado pelo Santo Ofício, em decorrência das acusações de que era um rebelde, um desobediente à hierarquia católica e um semeador de fanatismos, o que o levou a ser alvo de um inquérito eclesiástico que terminou por o proibir de rezar missas, de confessar fiéis e de ministrar sacramentos, como o batismo e o matrimônio. Quando não pôde mais celebrar batismos, ele próprio aceitou apadrinhar inúmeras crianças, vindo daí o título de Padrinho Padre Cícero, que na corruptela da linguagem popular resultou “Padim Pade Ciço”.

Hoje, segundo Lira Neto, devido aos testemunhos de graças alcançadas pelos romeiros, tais com: cegos que teriam voltado a ver, aleijados que andaram novamente e loucos que teriam recuperado o juízo, há um processo que “ainda pode evoluir da simples beatificação para a efetiva canonização, quando, então, ele seria elevado à honra dos altares de toda a Igreja. (...)”. (NETO, 2019, p. 1).

Importante observar que Lampião se emociona ao encontrar seu padrinho, quando, além de tirar o chapéu, fica descalço e ajoelha-se, reclamando que apenas seu lado ruim está sendo levado em conta sem considerar seu lado herói, o que emociona Pedro.

Lampião, aparentemente, consegue dissuadir o coração de São Pedro, não só mais argumentando, mas através da linguagem corporal, ajoelhando-se descalço diante do seu padrinho. A linguagem do corpo aqui complementa a linguagem verbal e forma um conjunto comunicativo de certo grau persuasivo.

Sou o Capitão Virgulino
Guerrilheiro do sertão
Defendi o nordestino
Da mais terrível aflição
Por culpa duma polícia
Que promovia malícia
Extorquindo o cidadão.

Mas o que devo a visita.
Pedro fez indagação
Lampião sem bater vista:
Vê padim Ciço Romão
Pra antes do ano novo
Mandar chuva pro meu povo
Você só manda trovão.

Por um cruel fazendeiro
Foi meu pai assassinado
Tomaram dele o dinheiro
De duro serviço honrado
Ao vingar a sua morte
O destino em má sorte
Da “lei” me fez um soldado.

Em um discurso autobiográfico, Lampião resume sua história e aponta nas entrelinhas as justificativas para seu comportamento e atitudes no cangaço. No entanto, ele também se coloca na figura de um defensor do povo nordestino, defensor desse povo contra a extorsão sofrida. Aqui se constrói um sujeito dual, ora bandido, ora herói; ora furioso, ora resignado e até orante, quando remete ao fato de pedir ao Padre Cícero para mandar chuva para o sertão.

Pode-se afirmar que Lampião tem suas representações na literatura de cordel baseadas em suas vivências, portanto, configurando-se como sujeito contextual, o que justifica a dualidade de suas imagens: ora com imagem de justiceiro/herói com imagem de cangaceiro/bandido.

Nos dois cordéis, que remetem Lampião também às representações de céu e de inferno, percebemos um desfecho similar, Lampião não consegue entrada nem no céu e nem no inferno:

A chegada de Lampião no inferno A chegada de Lampião no céu

Leitores vou terminar
Tratando de Lampião
Muito embora que não possa
Vos dar a resolução
No inferno não ficou
No céu também não chegou
Por certo está no sertão.

Pedro disse: é malcriado
Nem o diabo lhe aceitou
Saia já seu excomungado
Sua hora já esgotou
Volte lá pro seu Nordeste
Que só o cabra da peste
Com você se acostumou.

Quem duvidar dessa estória
Pensar que não foi assim
Querer zombar do meu sério
Não acreditando em mim
Vá comprar papel moderno
Escreva para o inferno
Mande saber de Caim.

Os dois finais sugerem que o cangaceiro ficou vagando pelo sertão sem ter lugar de repouso. Os discursos finais remetem ao sujeito irreparável, que, mesmo diante das alegações de injustiças sofridas, que lhe empurraram para a vida no cangaço, não obteve perdão ou mesmo lugar de amparo após a sua morte. O dual sujeito, percebido nos cordéis em análise, permutam-se nas obras, no entanto ele é mais evidente em “A chegada de Lampião no céu”, quando, em vários versos, ele se desarma da violência que lhe característica, na tentativa de resignação.

Pode-se, pois, observar que, nas estrofes finais do cordel “A chegada de Lampião no céu”, além de Lampião manifestar seu descontenta-

mento com a polícia, fica evidenciado que ele foi ao céu apenas para visitar seu Padim Ciço Romão e rogar chuva para o povo nordestino antes do ano novo, quando reclama de Pedro, acusando-o de só mandar trovão ao invés de chuva, o que desagrada Pedro, que lhe chama de malcriado e, fazendo uma alusão ao cordel “A chegada de Lampião no inferno”, que diz que nem o diabo o aceitou, novamente o excomunga, mandando-o de volta para o Nordeste, visto que somente “cabra da peste” com ele se acostumou. Cabra da peste é uma expressão nordestina que quer dizer homem bravo, que sobrevive à seca e às dificuldades do sertão. De acordo com “Dicionário Piauiês” (versão *on-line*), cabra da peste significa “Homem valente, intrépido, afoito. Refere-se principalmente ao sertanejo destemido e forte”.

Sobre o fato das injustiças que justificariam suas reações, Lampião acusa a polícia: “Por culpa duma polícia” / “Que promovia malícia”. Merece destaque a reclamação que Lampião faz contra Pedro, pois, nesse momento, o cangaceiro reafirma sua característica de busca por justiça: São “Pedro fez indagação/ Lampião sem bater vista:/ Vê Padim Ciço Romão/ Pra antes do ano novo / Mandar chuva pro meu povo/ Você só manda trovão”.

Merece destaque, ainda, a opção de vida de Lampião e de seus irmãos, que segundo Elise Jasmin (2016):

Obedeceu à necessidade de vingar a morte do pai, isto é, de lavar o sangue com o sangue, de fazer justiça com as próprias mãos, uma vez que a justiça pública não o faz, de defender não só a sua própria honra, mas também a de seus ancestrais. Entrar para o cangaço, nesse sentido, seria submeter-se a certas concepções de heroísmo, a uma obrigação moral, mas também ao método de se fazer respeitar [...]. (JASMIN, 2016, p. 79)

Tal vingança constitui-se marca do discurso de Lampião na literatura de cordel, outro aspecto relevante nos cordéis em análise. Nesse sentido, na perspectiva de compreender esse discurso para além do preconceito consensual a respeito do cangaço, invocamos Orlandi (1999, p. 58), para quem “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada (isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada) determina o que pode e deve ser dito (...)” e “A formação discursiva é, enfim, o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito (...)”.

5. Considerações finais

Ao final do estudo dos cordéis “A chegada de Lampião no céu” e “A chegada de Lampião no inferno”, sob a ótica da análise discursiva de conteúdo, percebemos que a construção do sujeito Lampião nas obras se dá numa dualidade de concepções. Ora temos a representação de um cangaceiro sanguinário e impiedoso, que onde chega incita ira, confusão e desordem; ora temos uma vítima do sistema, que se põe em resignação, configurando não mais o outro, o sujeito do mal. No que se observa um sujeito contraditoriamente constituído, o que Pêcheux e Fuchs (1997, p, 170) chamam de assujeitamento.

O estudo sob a luz de autores como Orlandi, Pêcheux, Leite e outros esclareceu que os sentidos adquiridos surgem de diversos fatores que envolvem o processo discursivo contextual e ideológico, inclusive a escolha da linguagem utilizada.

Percebemos a concretização da construção do sujeito dual, no entanto, admitimos que se faz necessária a fomentação de mais estudos dessa constituição, principalmente na configuração de figuras emblemáticas da cultura nordestina, cantadas nos cordéis e que configuram parte do ideário do povo do sertão. Assim, fechamos este texto chamando a atenção para o fato de ele ser ele sinóptico, estando aberto para aprofundamentos e contribuições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 3. Ed. São Paulo, 2020.

DICIONÁRIO PIAUIÊS. Disponível em: <https://umondicoisa.wordpress.com/dicionario-piauies/>. Acesso em: 19 mai. 2020.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

JASMIN, Elise. *Lampião: Senhor do Sertão: vida e morte de um cangaceiro*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

LEITE, João de Deus. *Discursivizações sobre Ayrton Sena e certa representação de brasilidade*. UFU, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15383/1/Diss%20joao.pdf>. Acesso em: 16. out. 2020.

MACÊDO, Heitor Feitosa. *Origem da Palavra Cangaco*. dez. 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/187765891.pdf>. Acesso em: 16. out. 2020.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis-rj: Vozes, 2004.

Lira NETO, João de. *Padre Cícero: De maldito a Santo*. Disponível em <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/> (2019). Acesso em: 28 abr. 2020.

ORLANDI, Eni P. Vão surgindo sentidos. In: ORLANDI, Eni P. (Org.) *Discurso fundador. A formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, São Paulo: Pontes. 2. ed. 2001. p. 11-25

_____. *A Linguagem e seu Funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. *Discurso e leitura*. Campinas-SP: Universidade Federal de São Paulo, 1999.

PACHÊCO, José. *A chegada de Lampião no inferno*. Bezerros: [s.n.], 1997.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Bethânia Mariani *et al.*, Campinas-SP: Unicamp, 1997. p.163-252.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni *et al.* (Org.). *Gestos de leitura. Da história no discurso. Homenagem à Denise Maldidier*. 2. ed. Campinas-SP: Unicamp, 1997. p. 55-64.

SARMENTO, Guerhansberger Tayllow Augusto. *Nas redes das memórias: as múltiplas faces do cangaceiro Chico Pereira*. 2016. 120 f. Monografia (Curso de Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2016.

SILVA, Lais Carolina Machado e. História e representação: a imagem de lampião na literatura de cordel. *Revista Labirinto*, ano XVII, v. 26, p. 232-48, jan./mar. 2017.

VIEIRA, Francisco Jacson Martins. *A mitificação das figuras emblemáticas de Padre Cícero e Lampião, através da Literatura de Cordel*. 2012. 177f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, 2012.

VIEIRA, Guaipuan. *A chegada de Lampião no céu*. Centro Cultural Digital. 1997. Disponível m: <https://centrocultural.com.br/items/show/13>. Acesso em: 18 out. 2020.